



2011

Nishikawa

/

Vettorazzo Filho

Por que *Jornal*? Foi a primeira pergunta que nos ocorreu como editores do *Jornal de Psicanálise*, nos anos de 2011 e 2012. Os colegas que participaram da equipe editorial durante esse período, e alguns estiveram presentes em um único número, mas todos deixaram inscritas suas contribuições para essa publicação tão importante da nossa instituição: Abigail Betbedé, Alexandre Socha, Beatriz Helena Peres Stucchi, Daniel Kauffmann, Marta Úrsula Lambrecht, Miriam Altman, Raquel Elisabeth Pires, Sonia Maria Camargo Marchini, Suzana Kiefer Kruchin, Valeria Gimenes Loureiro e Vera Lúcia Martins Wehb.

Diante de nossa pergunta inicial, voltamo-nos para uma reflexão sobre a função deste periódico, que desde sua origem está ligado ao Instituto de Psicanálise, órgão formador dos psicanalistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Pensamos no *Jornal* tendo uma dupla inserção, pois é do Instituto e da Sociedade, mas com o compromisso de ser receptáculo para uma atividade em constante transformação, relativa à constituição da identidade do psicanalista. Ressaltamos aqui a manutenção do que consideramos a marca do *Jornal*, qual seja, sua função ligada ao ensino e à pesquisa, presente desde seu primeiro número, sendo a editora d. Virginia Bicudo.

Fomos percebendo também a importância do *Jornal* como memória da nossa instituição, e isso em um sentido específico, pois é um periódico ligado à formação do analista, evidenciando a cada momento as indagações decorrentes dos modelos vigentes no vir a ser analista. O *Jornal* seria, nesse contexto, um dos desdobramentos da memória do psicanalista, na tentativa não só de ser um registro, mas também de permitir que a escrita ali publicada ganhasse nova vida ao ser revisitada e fosse ressignificada *a posteriori*, como parece ser a proposta deste número comemorativo de seus 50 anos.

Eu já tinha participado do *Jornal de Psicanálise* na gestão de Maria Olympia França, editora junto com Elizabeth Rocha Barros, e depois quando o *Jornal* tinha à frente Luís Carlos Menezes como editor, entre os anos de 1990

e 1994, e pude testemunhar a mudança que nele ocorreu desde então. Foi um periódico que ganhou importância no meio científico, ganhou corpo, foi indexado, o que também implicou seguir certos padrões editoriais. Se, de um lado, o *Jornal* ganhou em maturidade científica, de outro, ele deixou de ser uma publicação em que os candidatos/membros filiados pudessem trocar de maneira mais direta com seus pares, colegas, professores.

Optamos, da mesma forma, por manter a versão eletrônica do *Jornal*, o que obrigou a um cuidado maior com o sigilo profissional sobre o caso clínico e a uma discussão quanto à natureza da escrita psicanalítica. Outra questão espinhosa foi quanto à avaliação do artigo para publicação, que procuramos rigorosamente manter em anonimato, visando a isenção quanto ao parecer por ele recebido, e muitas vezes solicitamos a ajuda de outros pareceristas. Essas foram algumas preocupações com que nos deparamos, as quais, acredito, continuam presentes no trabalho da atual equipe editorial, além de outras mais, pois a edição de cada número acarreta uma série de questões novas, conflituosas, mas estimulantes para o nosso desenvolvimento. Enfim, cuidar de uma publicação é algo muito difícil, trabalhoso, mas é também trabalhar com um elemento vivo, pulsátil, e aí reside um paradoxo, pois, como nos lembra André Green, “ler e escrever constituem um ininterrupto trabalho de luto” (Green, 1988, p. 326).

Ao sermos solicitados, pela atual equipe editorial do *Jornal*, a indicar um artigo que consideramos significativo sobre o tema da “formação do psicanalista”, o nosso olhar recaiu sobre “Fundamentação conceitual do currículo e da avaliação no processo de formação psicanalítica”, escrito por Homero Vettorazzo Filho. São dois os motivos para essa escolha. De um lado, o mérito do trabalho do autor, uma profunda reflexão sobre o processo de formação do analista, em relação ao ensino das teorias em psicanálise, que, junto com a análise pessoal e supervisão, constituiria o terceiro elemento do tripé da formação do psicanalista, e, incluindo também um quarto elemento, o ambiente institucional, ele nos propõe pensar a questão curricular. O segundo motivo é uma homenagem a esse autor que nos deixou relativamente jovem, em um momento frutífero de sua carreira, tendo tido uma trajetória de busca incansável pelo conhecimento e pela verdade. Vocês podem conferir a nossa escolha na leitura de seu trabalho.

Por fim, em nome das pessoas que participaram dos números 80, 81, 82 e 83 do *Jornal*, parabênizo a atual equipe editorial pela iniciativa deste número comemorativo.

Referência

Green, A. (1988). O duplo e o ausente. In A. Green, *Sobre a loucura pessoal*, pp. 315-334. Rio de Janeiro: Imago.

Eunice Nishikawa
Membro efetivo da SBPSP
eu.nishi@uol.com.br